

En Tebet, Gabriela, *Estudios de bebés e diálogos com a sociologia*. San Pablo (Brasil): Pedro & João Editores.

A Sociologia das Emoções, em diálogo com os bebês.

De Grande, Pablo.

Cita:

De Grande, Pablo (2019). *A Sociologia das Emoções, em diálogo com os bebês*. En Tebet, Gabriela *Estudios de bebés e diálogos com a sociologia*. San Pablo (Brasil): Pedro & João Editores.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/pablo.de.grande/56>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pcWP/CV8>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. *Acta Académica* fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

SOCIOLOGIA DAS ARTES • SOCIOLOGIA URBANA • MICROSOCIOLOGIA • SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA • SOCIOLOGIA DAS

ESTUDOS DE BEBÊS

E DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA

DURKHEIM • WEBER • MARX •
BOURDIEU • GIDDENS • GOFFMAN
MANNHEIM • FLORESTAN FERNANDES •

GABRIELA TEBET (ORG.)

DUBET • GUERREIRO RAMOS • NEUSA
SOUZA • QVORTRUP • CORSARO •
BERGER E LUCKMANN • PERSPECTIVAS
FEMINISTAS • ESTUDOS DE GÊNERO •
CONSTRUCIONISMO SOCIAL • SOCIO
LOGIA DAS EMOÇÕES • PSICOSSOCIOLOGIA
SOCIOLOGIA DAS ARTES • GIDDENS •

ESTUDOS DE BEBÊS

E DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA

Gabriela Tebet (org.)

ESTUDOS DE BEBÊS

E DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Copyright © das autoras e dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Gabriela Tebet (Organizadora)

Estudos de bebês e diálogos com a sociologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 631p.

ISBN 978-85-7993-660-9 [Ebook]

978-85-7993-669-2 [Livro impresso]

1. Estudos de Educação. 2. Estudos de bebês. 3. Sociologia e estudos de bebês. 4. Autores. I. Título.

CDD – 370

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2019

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	15
Introdução ao Estudo de Bebês a partir de perspectivas sociológicas	17

Parte 1	31
Fundamentos Sociológicos Clássicos e suas implicações para o estudo de bebês	

1. Diálogos com a Sociologia de Émile Durkheim	33
2. A ação social dos bebês a partir da teoria compreensiva de Max Weber	49
3. Perspectivas marxistas da participação da Educação para Bebês nas Políticas Públicas	65
4. Incursões bourdieianas na pesquisa com bebês: do método sociológico à teoria dos campos	87
5. Anthony Giddens e a Teoria da Estruturação: apontamentos e possibilidades para o estudo de bebês	107
6. Da creche à internação hospitalar - as categorias de Erving Goffman para a pesquisa com bebês em instituições.	129

Parte 2	137
Bebês, Infância e Geração	

7. Os Bebês e a Infância como Geração – Diálogos com Mannheim e com questões suscitadas pela Sociologia da Infância	139
8. Pensar a infância para além das crianças com Hannah Arendt	153
9. Geração como estrutura social: Perspectivas macro-estruturais e implicações para o estudo de bebês a partir de um diálogo com Jens Qvortrup	175

Parte 3	187
Os discursos sobre bebês, a sociologia e o construcionismo social	
10. Os bebês, o menor e a criança na legislação brasileira: diálogos com o construcionismo social.	189
11. Documentação pedagógica e discursos sobre bebês e crianças: diálogos da pedagogia com a sociologia da infância	207
12. O campo dos estudos de bebês e a questão racial: o que nos apontam as pesquisas?	225
Parte 4	243
Bebês, Cultura e Arte	
13. Folguedos folclóricos no contexto da creche e a participação dos bebês: diálogos com Florestan Fernandes	245
14. As culturas infantis e os discursos das crianças a respeito dos bebês - diálogos com William Corsaro e a teoria da reprodução interpretativa	257
15. Bebês, Cultura e Raça em terreiros de candomblé: diálogos com Hampate Bâ	267
16. Bebês e creche: um diálogo com as culturas na infância	283
17. Instituições culturais e formação de público na contemporaneidade para bebês: Olhares, ações e explorações para a pequena infância sob a ótica da Sociologia da Arte	301
18. Encantamentos e desassossegos: fragmentos dos (des)encontros entre o cinema e a educação infantil	319
Parte 5	357
Perspectivas sociológicas para o estudo dos bebês e suas experiências cotidianas	
19. Contribuições Sociológicas para o estudo dos bebês na perspectiva das relações étnico-raciais	359
20. Como aceder ao desejo das crianças pequenas e como sustentá-lo?	381
21. Os bebês e a formação de redes - diálogos com Bruno Latour e a teoria do Ator-Rede	395

22. Sociologia da experiência e diálogos com François Dubet	413
23. A Sociologia das Emoções, em diálogo com os bebês	425
24. Bebê, Sociologia e Gabriel Tarde: por uma relação infinitesimal	447
25. Bebês, indivíduos e individuações: perspectivas sociológicas	467

Parte 6	475
Temas contemporâneos nas pesquisas sociológicas sobre bebês	

26. Os bebês pervertem os tabus sociais: diálogos com estudos de gênero e teorias sociológicas feministas	477
27. Sociologia Urbana e os Bebês: conversas (in)pertinentes, ou a silenciosa insurgência das crianças pequenas	493
28. Os bebês interrogam a Infância? Um estudo dos bebês sob aportes sociológicos	519

Parte 7	539
Sociologia além dos seus limites disciplinares	

29. Balbuciar na própria língua para, enfim, escutá-la: Bebês, Babel e geohistórias de um mundo	541
30. Desdobrando o carrinho de passeio do bebê: Mobilidades Infantis e tecnologias do dia-a-dia	569
31. Entre a Sociologia e a Psicologia: Teoria das Representações Sociais e possibilidades para os Estudos de Bebês	585
32. Sociologia histórica: contribuições para o estudo dos bebês a partir de um diálogo com pesquisas sobre a família	597
33. Utopias e os estudos de bebês: diálogos com Boaventura de Sousa Santos	607
Sobre os autores	621

23. A Sociologia das Emoções, em diálogo com os bebês¹

Pablo De Grande²

O objetivo deste capítulo é explorar a relação entre bebês e emoções, a fim de dar um tratamento adequado a esse nível de experiência em estudos sobre bebês.

Minha perspectiva empírica a respeito da maternidade, paternidade e infâncias derivou de investigar, na Cidade de Buenos Aires, formas contemporâneas de sociabilidade das famílias com seus bebês entre os anos de 2013 e 2018. Neste período, falei com mães e pais, de setores médios profissionais e de setores não profissionais, sobre suas experiências com seus filhos de até um ano de idade. Pessoalmente, tive, junto de minha esposa, a sorte de acompanhar o crescimento das minhas três filhas pequenas, que nasceram nos últimos 8 anos, e alimentaram meu interesse pela dinâmica social com a qual as pessoas iniciam suas vidas na sociedade.

Para problematizar a relação entre bebês e emoções, acredito que podemos começar introduzindo uma tensão que atravessou boa parte do imaginário ocidental em relação aos bebês ao longo do século XX. Por um lado, postulou-se a importância de se conseguir uma intensificação máxima do vínculo afetivo dos filhos com suas mães (Nari, 2004): diferentemente do observado em períodos anteriores, agora deveriam ser as mães quem cuidam dos seus filhos no âmbito doméstico (Loredo Narciandi e Jiménez Alonso, 2014, Zoila, 2007). Por outro lado, sabemos que esse modelo sustentou sua legitimidade nas emergentes disciplinas científicas da primeira infância (pediatria, puericultura e psicologia do desenvolvimento), que, em grande parte,

¹ Tradução do espanhol para o português feita por Thalia Vianna Silva. Revisão Técnica: Gabriela Tebet. Este capítulo foi extraído do livro “Estudos de Bebês e Diálogos com a Sociologia”, organizado por Gabriela Tebet e publicado pela editora Pedro e João, em 2019 com recursos CAPES/PROAP destinados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP.

² Doutor em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade de Quilmes. Licenciado em Sociologia pela Universidade de Buenos Aires. Pesquisador do Instituto de Pesquisas em Ciências Sociais (IDCISO) e professor do Seminário de Sociologia das Relações Sociais do curso de Sociologia da Universidad del Salvador, na Argentina

patrocinado pelos Estados Nacionais, tornaram público o chamado a esta privatização da criança (Pereira, 2006, Bonilha, 2004, p.60). Dessa forma, passaram a insistir na importância de considerar o bebê como objeto exclusivo das famílias conjugais e de sua esfera privada (Lima, 2012), ao mesmo tempo em que articulavam mecanismos para a administração e o governo da infância e da maternidade.

Do nascimento institucionalizado (Nagahama e Santiago, 2005; De Grande, 2017) seguindo os exames médicos maternos, neonatais e pediátricos (Costa et al., 2004); a invenção da fórmula do leite; a progressiva redução da existência de crianças colocadas em circulação em diferentes formas e arranjos assistenciais, excluindo-se papéis muito frequentes nas primeiras décadas do século XX, como as amas ou mães de leite³ (Pereira, 2006, p.80), promovendo o lar como o ambiente ideal para as crianças.

Neste capítulo, tentaremos abordar a partir da sociologia das emoções algumas pistas para abordar a emocionalidade no estudo dos bebês. A intenção de trabalhar neste diálogo é permitir ver pontes possíveis entre os dois campos do conhecimento, sem estar localizado nos extremos mencionados, isto é, sem atribuir à imagem do bebê, a de um ser cujo significado não pode ser outro senão a realização emocional de sua mãe ou de seus pais (Zelizer, 1994), tampouco assume uma relação que supõe um vínculo descontente do significado emotivo das experiências, subsidiária do cálculo de custos e benefícios da administração dos cuidados.

Sociologia e Emoções

A sociologia clássica apontou a emocionalidade como um elemento necessário na análise da vida social (Ariza, 2016, p.10). Noções como o desencantamento Weberiano do mundo que caracteriza a modernidade (Weber, 1978, p.96), o sofrimento anômico crônico das sociedades industriais na obra de Émile Durkheim (2006, p.365), ou indolência como uma adaptação para vida urbana em

³ As amas de leite eram mulheres que tiveram bebês sob seus cuidados durante o período de amamentação. Sem serem suas mães biológicas, lhes alimentavam pela impossibilidade ou recusa da mãe em fazê-lo, formando um relacionamento que muitas vezes se prolongava pelo resto de sua vida, sendo consideradas “mães de leite”.

George Simmel (2005), são marcas da impressão de sentimento na sociologia clássica.

Neste sentido, *O Suicídio* de Émile Durkheim (2006) é uma obra fundamental na sociologia, que disputa com a psicologia pela explicação causal da decisão, com uma alta carga emocional, de tirar a própria vida, até então vista como uma espécie de ordem individual e "psicológica". Quanto à *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber (1997), é também um texto clássico, que coloca a emoção (o fervor da religiosidade ascética) como base de outras estruturas sociais complexas e impessoais (o sistema de produção capitalista-produtivista).

Raymond Boudon aponta que, de acordo com Vilfredo Pareto - um proeminente sociólogo italiano do início do século XX - a sociologia seria a ciência que procura explicar as ações "não-lógicas" das pessoas. Essas ações, também melhor referidas como "irracionais", seriam aquelas ações que não podem ser explicadas por critérios de maximização dos benefícios do ator (1981, p.16).

Embora não considere essa definição satisfatória⁴, Boudon reconhece na máxima de Pareto a virtude de apontar um elemento recorrente nas intenções de grande parte da sociologia: questionar os limites das explicações econômicas da ação. Ao inserir o contexto ritual, emocional e avaliativo da ação, a sociologia procura explicar as ações complexas das quais as pessoas participam (Boudon, 1981, p.21). Os sistemas de interação nos quais eles são encontrados - os "campos" na terminologia de Bourdieu - e suas implicações simbólicas, afetivas e materiais, nos permitem recuperar esses contextos, dando melhor conta das motivações e dinâmicas situadas da prática (Boudon, 1981, p. 21).

Deve-se notar que, mesmo que a presença dessa característica seja clara nos autores clássicos da disciplina, relacionando ação e emoção, é possível argumentar que ao longo do século XX produziu um distanciamento da sociologia nessa dimensão.

Nesse período, as emoções recebiam pouca atenção e perdiam proeminência em relação a outros problemas, como a análise normativa, a preocupação com a dominação e a exploração e o

⁴ É a priori difícil chegar a uma definição de ação "não-lógica": muitas vezes o cálculo não produz resultados ótimos e, pelo contrário, a superstição, a emoção e a tradição podem muitas vezes inspirar ações com melhores consequências.

reconhecimento da interação como um processo consciente e estratégico.

Nesse aspecto, foi no último quarto do século passado que a afetividade e sua dinâmica tiveram um novo impulso. Desde então, teorias específicas relacionadas a fenômenos emocionais começaram a emergir como uma dimensão da dinâmica social e mecanismos de interação (Tenouten, 2006, Bericat, 2000, Hochschild, 1975), bem como um maior número de pesquisas ligadas a esses fenômenos (Thoits, 1989).

Do corpo às emoções

Esse campo de investigação disciplinar - a sociologia das emoções - compartilha fronteiras difusas com a sociologia dos corpos (Scribano, 2012) e a antropologia das emoções (Lutz e White, 1986). Em ambos os casos, a preocupação com o caráter situado dos atores e a dimensão corporal e prática da experiência articulam-se com os estudos das emoções em sua oposição às perspectivas sustentadas pela ideia de um ser humano racional-formal desvinculado dos processos vitais e materiais em que habita (Luna, 2000).

Essa localização no nível subjetivo-emocional produziu no nível micro-social novos objetos e linhas de pesquisa, transformando o corpo (Shilling, 2003, Sheets-Johnstone, 1990), a interação (Powell e Dépelteau, 2013) e afetividade (Ariza, 2015; Ticineto e Halley, 2007; Tenouten, 2006) em campos de desenvolvimento teórico e empírico abundantes.

No nível macrossocial, também há investigações que caracterizaram a estruturação histórica e social da emocionalidade coletiva, como é o caso de Zelizer (1994) sobre a avaliação emocional de bebês nos Estados Unidos, o trabalho de Phillip Ariès (1962), sobre a sensibilidade para a família e a infância na França, a pesquisa de Pierre Bourdieu sobre a formação social dos critérios gustativos (Bourdieu, 2012) e o trabalho de Michel Foucault sobre a genealogia dos sentimentos coletivos em relação à punição e tortura (Foucault, 1995).

André Turmel aponta que durante grande parte do século XX, por critérios de organização disciplinar, as crianças e a infância foram estudadas exclusivamente pela psicologia e ciências biológicas

(Turmel, 2008, p.18), enquanto a sociologia abordaria tópicos como “família 'ou' educação”.

No caso das emoções, um destino semelhante parece ter ocorrido, até o recente 'giro afetivo' que permitiu a chegada de um trabalho interdisciplinar e temático mais amplo e complexo sobre eles (Block, 1957, Prinz, 2004).

Que as crianças, primeiro, e agora os bebês e as emoções, voltam a entrar como sujeitos sociológicos de pleno direito, assumem diferentes relações com outros campos do conhecimento por parte da disciplina. Implica também um distanciamento da ideia de "homem social" (civilizado) como alguém que rompeu com a natureza - e com suas "paixões" - para se inserir em uma vida social-racional (Le Breton, p.106).

As pessoas que hoje se dizem seres sexuais e sexuados, jovens ou envelhecidos, sofrendo ou se divertindo, apontam os limites de ter abraçado uma separação radical entre natureza e sociedade nos fundamentos dos primórdios da modernidade, que agora se torna um obstáculo epistemológico e, isso se encontra na base da divisão do trabalho científico, herdeiro em parte da referida dicotomia (Latour, 2007).

Para uma sociologia com domesticidade

Essas mudanças também ocorreram em diálogo com a produção dos estudos feministas que defendiam - entre outras coisas - a visibilidade de áreas da atividade humana tradicionalmente relegadas às ciências sociais por vieses patriarcais, industriais e etnocêntricos (Flores e Tena, 2014; Maffía, 2007, Matos, 2008).

Nesse desafio político colocado ao campo acadêmico, o doméstico, o emocional e o infantil foram identificados como instâncias historicamente deslocadas da produção hegemônica do conhecimento social (Gilligan, 1982). Uma série de conceitos (privado-feminino-infantil) se relacionam para tornar natural a invisibilidade⁵ dos bebês no quadro mais geral da invisibilidade da ontologia do doméstico (Radkau, 1986).

⁵ Com invisibilidade nos referimos em particular a uma sub-representação desses fenômenos na produção acadêmica com relação à prevalência do referente empírico em questão.

No plano interno, como um lugar de reprodução e atribuição da família nuclear, que levou seu sentido moderno na Argentina, Brasil e outros países da América entre o final do século XIX e início do século XX (Aguilar, 2013)⁶. Nesse período, discursos higienistas convergiram para uma definição de 'casa', onde a casa deveria ser o refúgio moral e físico dos trabalhadores, lugar de cultivo de crianças e da reclusão de mulheres (como mães e como 'donas de casa') (Fuller, 2001). Ao mesmo tempo que se instalaram esses discursos sobre o lar virtuoso e a família trabalhadora (Nari, 2004), diferenciados dos cortiços e habitações multifamiliares, este campo foi acrescido ao nível do 'privado' e do 'íntimo'. Assim, enquanto as ciências sociais orientaram boa parte de suas questões a temas como a política, o Estado ou o mercado de trabalho, as mulheres em suas casas - junto crianças e jovens serão vistas por esses saberes como economicamente 'inativas' (Liernur, 1994, p.4) e como um fator de risco para seus filhos em termos de saúde e cuidados (Rosemberg, 1994, Allemandi, 2017).

Isso explica um duplo movimento pelo qual foi instituído publicamente um novo modelo de reprodução social intra-habitacional (higienista, capitalista, patriarcal), enquanto os domicílios são designados como espaço privado e, como consequência, alheio à grande parte do escrutínio social e político. A família nuclear torna-se um quintal onde são alimentados e reproduzidos os sujeitos da vida pública, urbana e industrial (Santos Alves, 2013).

Os bebês, estando com suas mães como o esquema mais frequente de cuidado, estão localizados de forma vital no espaço da domesticidade. Em consequência disso, os bebês tradicionalmente sofreram nas agendas da pesquisa social uma subalternidade que derivou, em primeiro lugar, de não serem adultos e, por dependerem funcionalmente de um ator por si mesmo relegado, como as mulheres e especialmente aquelas eles estão em seus espaços domésticos e familiares (Gottlieb, 2000).

Um grande impulso contra essa invisibilização do doméstico foi representado pelo surgimento da historiografia da vida cotidiana

⁶ Phillip Ariès aponta que o modelo doméstico, onde "a casa" funciona como um espaço relativamente fechado, torna-se o lugar onde um grupo familiar concentra suas energias no crescimento das crianças que ali vivem, contrasta com as formas medievais de organização social, e começa a aparecer nas classes nobres e melhor posicionadas economicamente na Europa para o século XVIII (Áries, 1962, 404).

(Vainfas, 1996) e das linhas de pesquisa em economia feminista e economia do cuidado (Orozco, 2006, Zelizer, 2010).

Esses trabalhos lançaram primeiro os fundamentos para o estudo do cotidiano, em seguida a domesticidade, em ambos os casos produzindo uma maior presença de mulheres na representação do mundo social pesquisado academicamente. Neste contexto, estes novos campos de investigação deram pistas para quebrar velhas dicotomias entre razão e emoção, o individual e o coletivo, o familiar e o trabalho, o privado e o público (Cerri e Alamillo, 2012; Hochschild e Machung, 1989).

Para uma sociologia da interação com emoções

Arlie Hochschild é uma autora que apoiou uma linha de pesquisa relacionando emoções, domesticidade, trabalho e cuidado. Nesse contexto, ele introduziu os conceitos de *regras do sentimento e do trabalho emocional* (Hochschild, 1975, 1979), buscando lidar teoricamente com fenômenos ligados à emocionalidade a partir de uma perspectiva situada na interação.

Expôs a necessidade de uma sociologia com emoções (e não das emoções) sustentando, como David Le Breton (1999, p.11), que a emocionalidade é uma parte constitutiva da experiência. As pessoas percebem suas próprias emoções e as dos outros, e se orientam por elas para avaliar as situações em que se encontram e decidir que suas ações. Consequentemente, não é viável ou desejável investigar as emoções como um domínio independente, mas articulado com as outras dimensões da experiência e a análise do social (Hochschild, 1975).

Hochschild identifica e questiona duas formas de entender a emotividade em atores das ciências sociais;

O primeiro aponta como característica do trabalho de Erving Goffman, onde prevalece uma imagem dos atores como seres conscientes e racionais, que colocam em prática estratégias para maximizar os resultados individuais ou coletivos de suas interações sociais: eles escondem suas características socialmente vistas como negativas, disfarçam as ações defeituosas dos outros, interpretam suas próprias falhas e as dos outros para entender melhor os contextos (Goffman, 1971). A emocionalidade aqui estaria ausente, ou permaneceria como um elemento motivacional para a ação racional:

os atores podem, por exemplo, manipular as impressões que causam para evitar a humilhação ou o desejo de ser recompensados positivamente pelo grupo.

A segunda forma, a qual se relaciona com Sigmund Freud, seria postular a imagem de um ator em quem prevalece o emocional como um guia de sua ação, mas inconscientemente. Desejos e impressões afetivas teriam grande protagonismo, por serem abertamente acessíveis àqueles que são portadores delas. A emotividade estaria presente aqui para explicar as ações, embora com um princípio de opacidade para a consciência individual (Hochschild, 1975, p.281).

Hochschild contrasta as duas imagens com a possibilidade de considerar as pessoas como sujeitos que possuem um grau significativo de compreensão sobre suas emoções e seus parentes próximos. As expectativas conhecidas e o repertório social das emoções com que lidam permitem-lhes tentar reconhecer e dar sentido às expressões e modulações vivenciadas na primeira pessoa e observadas nas outras. Trata-se de atores emocionais e conscientes.

Dessa forma, diariamente, os atores reagem, mas também implementam ações para gerenciar e sugerir a si mesmos em seu nível emocional. A noção de "trabalho emocional" de Hochschild (Bericat, 2000) aponta que, em muitas profissões, mas também na vida pessoal, é comum orientar o humor para as exigências do contexto⁷. Em profissões de serviço, mas também em tarefas de cuidado familiar, o tom de voz, a expressão facial e o sentimento geral podem exigir disposições (como calor, empatia ou bondade) que se apresentam como requisitos emocionais (como *regras de sentimento*) para cumprir tais papéis. Segundo Hochschild, os processos "mentais" funcionam simultaneamente com as lógicas "emocionais", ambas estruturadas historicamente e socialmente (Hochschild, 1979).

As emoções esperadas

Tanto no final de *regras do sentir* de Arlie Hochschild, como no indivíduo que faz parte das *alegrias e tristezas coletivas*⁸ de Émile

⁷ Hochschild usa o termo "trabalho emocional" (1975, p.290) em analogia com a idéia de Goffman de "trabalho de expressão" (1971).

⁸ Durkheim diz: "o indivíduo, quando firmemente ligado à sociedade da qual ele faz parte, sente-se moralmente obrigado a participar de suas tristezas e alegrias; ser

Durkheim, ou a idéia de *sociogênese* das emoções de Norbert Elias⁹, a sociologia é convergente em termos de colocar os atores dentro de uma rede ou teia de expectativas sociais em relação ao sentimento pessoal.

Assim, é possível reconhecer as emoções esperadas na presença de um bebê, com tudo o que elas diferem de um contexto social para outro e de um tempo histórico para outro. Estas expectativas variam por grupo social, e nossa cultura não tem a mesma empatia e expressividade que se espera para mulheres e para homens, de adultos do que crianças, parentes de outros parentes (De Loache e Gottlieb, 2000).

As mães e os pais dos filhos, em virtude de seu parentesco, estão sujeitos a regulamentos diversos e específicos. Particularmente no Ocidente, e com mais pragnância nos setores médios, dirige-se aos bebês com frases e tons de voz que estão situados entre o lúdico e o carinhoso (Schnack de 2007), bem como experimentar emoções extremamente negativas a respeito do bebê, assim como buscar espontâneamente por cuidados e bem-estar.

A positivação avaliativa sobre os bebês discutida anteriormente (foi instituído os mandatos pelos quais as crianças devem ser vistas como "a razão de suas mães" e "o futuro da nação" [Fuller, 2001]) produz demandas singulares e distribuídas com uma matriz de gênero bem marcada. Para a mãe, pode ser desconfortável, por exemplo, dizer que ela não está feliz com uma nova maternidade, mesmo que possa ter causado desconforto durante a gravidez, dores no parto, distúrbios no sono ou abandono de atividades devido às demandas do cuidado infantil.

Nas famílias que conheci durante minha pesquisa na cidade de Buenos Aires, a presença de um bebê muitas vezes envolvia mudanças nas rotinas: outras vezes para alimentação e sono, reajustes nos esquemas de participação no trabalho, novos tópicos de conversa e formas de relacionamento com familiares e amigos (De Grande, 2015).

desinteressado seria quebrar os laços que o ligam à coletividade; seria renunciar a amá-lo e a contradizer-se a si mesmo" (1993, p. 611).

⁹ Lemos em Elias: "A criança que não consegue atingir o nível de configuração emocional socialmente requerida é considerada "doente", "anormal", "criminosa" ou simplesmente "impossível" em diferentes gradações e sempre do ponto de vista de uma certa casta ou classe vida, conseqüentemente, é excluída" (1989, p.182).

Essas mudanças, dadas em períodos relativamente curtos, dotaram a experiência de uma intensidade emocional nem sempre prevista e muitas vezes condicionando as formas de organização e avaliação da experiência (Donath, 2015).

Deve-se notar também que a relocação da mãe e do bebê como um par doméstico "ideal" de reprodução humana (Nari, 2004) foi mantida - no início do século 21 - juntamente com a persistência de infraestruturas inadequadas para transporte público, trabalho ou o passeio com crianças pequenas. Escritórios, universidades, escolas e fábricas dificilmente admitem a possibilidade de que aqueles que participam desses espaços possam fazê-lo com crianças sob seus cuidados (Hochschild e Machung, 1989).

O cultivo de emoções

A experiência emocional daqueles ao redor de um bebê é transformada pela presença destes. Aos sentimentos mais íntimos - ainda que sociais - que cada um percebe, é necessário acrescentar que as requisições somam as questões e comentários onipresentes do ambiente, que dão sinais das fronteiras da desejabilidade e das valorações coletivas. A irmãzinha está com ciúmes? A mãe é feliz? O pai estava esperando outra garota?

No entanto, não apenas no ambiente podemos encontrar um campo de investigação sobre a experiência emocional. Desde o seu nascimento, o bebê aparece como uma nova pessoa que progressivamente mudará suas emoções e ações em ritmos, significados e conteúdos que estão de alguma forma ajustados ao seu ambiente social histórico (Elias, 1982, 1990, 1989; McCarthy, 1989).

Berger e Luckman salientam que talvez a frase que mães e pais dizem com mais frequência para seus filhos quando eles se machucam seja "está tudo bem" (Berger e Luckman, 2001, p. 172), o que diz muito sobre isso. A interação diária com os bebês não só atende às suas necessidades de alimento, calor e proteção, mas instala, às vezes por pequenos gestos e cenas cotidianas, definições de mundo emocional, começando com a clivagem mais básica pela qual devemos distinguir quando "as coisas estão bem" quando " não estão". Esses critérios para interpretar questões tão "objetivas" como uma queda ao chão que afeta tanto o sentimento atual quanto a montagem de esquemas

classificatórios (Hochschild, 1979, p.505). Além disso, não só os eventos atuais afetam o sentido emocional atribuído às experiências futuras, mas também ocorre em sentido inverso, quando as emoções ligadas à experiência prévia podem se ressignificar à luz de novas informações com que a pessoa entre em contato em dias, meses ou anos posteriores (Le Bretón, 1999, p.109).

Além dessas indicações, que servem de exemplo em relação a algumas tensões e estruturas de interação sob as quais a presença de bebês pode ser organizada, não é intenção deste texto avaliar quais são as emoções esperadas de maneira típica em uma cultura ou época específica. A antropologia da infância e a história da infância contribuíram e continuarão a fornecer muitas evidências de quão dinâmico e variável tudo isso pode ser (De Loache e Gottlieb, 2000, Turmel, 2008).

No escopo deste texto, apenas interessa perceber que nos espaços com bebês - como em outros espaços, mas aqui talvez com alguma intensidade singular - muitas emoções são postas em jogo, e que a articulação delas com a estrutura social e com o significado prático é complexo e dinâmico.

A expressão das emoções

Emoções são percebidas dentro de nós, mas de muitas maneiras elas se manifestam para os outros. Vários autores refletiram sobre isso, observando que esse processo está longe de ser linear (Hochschild, 1975, Labanyi, 2010, Le Breton, 1999).

As emoções são expressas e decodificadas na interação face a face, embora também seja possível analisar a comunicação de afetividades dentro de processos mais extensos no tempo e no espaço.

No nível micro-social, podemos observar que as maneiras pelas quais as emoções são percebidas e expressas de maneira regular e sustentada em qualquer conversa ou interação. É possível notar, nesse contexto, que muitas vezes uma pessoa pode tentar ajustar seu estado emocional ao que acreditar que deveria ser ou se expressar, ao não sentir, por exemplo, dor ou sofrimento suficiente perante a morte de um ser próximo, ou alegria suficiente em uma festa para a qual tenha sido convidada (Le Breton, 1999, p.131).

Isso pode conduzir a instrumentalizar formas de ativar essas emoções ou sentir desconforto por não fazê-lo. Eventualmente, também pode transmitir uma imagem alterada que mascara sentimentos genuinamente experimentados. Este processo de 'mapear sentimentos e expressões' (Hochschild, 1975, p. 293) ocorre em um jogo relacional em que duas ou mais pessoas expressam e decodificam expressões alheias, perguntando-se pela verdade, as intenções e o significado das mesmas.

O processo pelo qual os pais transitam na interação com seus bebês (Bordoní, espanhol e De Grande, 2016; Carter e espanhol, 2016), dando sentido aos gestos, sons, movimentos e prantos que se manifestam, é uma maneira em que o bebê também começa a tentar compreender e se expressar com seus pais, e nunca será uma experiência de interpretação inteiramente certa ou unívoca (Cavalcante, 2000).

Entre os pais e seus filhos, muito antes de aprenderem a falar, é possível estabelecer um repertório de expressões suficientemente amplo para expressar desejos e sentimentos. Sonho, alegria, fome, dor, solidão, raiva, fadiga, desgosto, prazer, medo, são alguns dos muitos estados emocionais que os bebês transmitem ou recebem em suas interações diárias, sejam elas 'básicas' ou mais complexas (Prinz de 2004).

No nível macro-social - e no tempo histórico mais amplo - as emoções podem ser projetadas fora do plano privado e da interação face a face. Voltaremos a colocar em perspectiva dois exemplos de expressão de emoções em relação aos bebês que circularam publicamente de maneira relativamente recente.

Quando, durante a última década, vários países receberam pela primeira vez em sua história, bebês em suas câmaras legislativas (Figura 1), a mídia espalhou essas imagens com a expectativa de que elas produziram emoções (de admiração, de rejeição, de modéstia, de solidariedade, etc.) forte o suficiente em seus leitores para justificar sua distribuição.

Figura 1. Parlamentares com seus bebês



Da esquerda para a direita, a senadora australiana Larissa Waters, a deputada argentina Victoria Donda, a deputada chilena Camila Vallejos, a deputada brasileira Manuela d'Ávila, junto a suas filhas pequenas.

Da mesma forma, historicamente, a vontade de controlar a emoção pública através de meios de retórica e propaganda tem percorrido um caminho bem extenso (Cárdenas Mejía, 2015, Álvarez, 2013, Sacramento, 2009). Recentemente, com mais ou menos naturalidade, a comunicação de diversas campanhas e resultados de gestão tem apelado a mostrar características da 'afetividade' dos governantes ali representados através da divulgação de fotos de seu contato com bebês.

Desta forma, os números de líderes masculinos com bebês filhos de estranhos têm sido um recurso comunicativo recorrente em

campanhas políticas e coberturas de gestão nas duas últimas décadas (Figura 2).

Figura 2. Presidentes com bebês de estranhos



Da esquerda para a direita, George W. Bush ajuda a alimentar um bebê durante a campanha presidencial do ano 2000, Nicolas Sarkozy levanta um bebê recém-nascido durante uma visita a uma maternidade em 2008, Barack Obama faz uma careta ao bebê que visita a Casa Branca, presidente da Espanha, Mariano Rajoy, em 2016.

Regras de sentimento e subjetividade

Uma última nota sobre emoções. Que existem emoções esperadas e emoções voluntariamente expressas; que existem emoções emanadas ou que são "cultivadas" (sociais, históricas), isto não deve nos incitar a uma ideia equivocada de que a sociologia das emoções, ou os estudos dos bebês, não precisam mergulhar na

subjetividade dos atores para explicar suas emoções: quem são? que fazem? O que eles sentem e com quem?

A compreensão das emoções de cada bebê, criança ou adulto, excede a decodificação da linguagem emocional de um ambiente social, de estruturas sociais ou da explicitação das regras do sentir. Essas regras viriam a representar as margens, mas acima de tudo, e principalmente, os ingredientes que compõem as experiências, trajetórias e sentidos que cada sujeito coloca no jogo de sua subjetividade.

Isto se remete ao fato de que os atores desempenham/atuem (metaforicamente dito e metaforicamente personificado) a partir de regras cognoscíveis, sua realidade subjetiva e social (Bourdieu, 2000; Elias, 1982, p 85; Goffman, 1971)¹⁰. Utilizando esta imagem lúdica/teatral não se deve subestimar toda a realidade que pode resultar de um jogo a ser jogado, todo o caráter imprevisível, pessoal e sério que o jogo pode ter no que diz respeito aos nossos mundos internos e nossa expressividade. Georg Simmel insistiu em destacar a dupla relação de distância entre o jogo e a realidade onde, como na arte, é possível fugir da realidade, a fim de ver melhor¹¹ (Simmel, 2002, p. 99).

É importante neste momento evitar duas posições que considero problemáticas, e que podemos descrever como a redução do jogo à agência e a redução do jogo às regras.

Por um lado, eu creio que devemos evitar dizer que os atores têm “agência” em sua emotividade, como se a “agência” pudesse parecer objetivar isoladamente um dom para ser livre que os sujeitos teriam 'para além de qualquer estrutura ou regra'. Isso parece aceitar o dualismo pelo qual os sujeitos existiriam separadamente do social, como se o indivíduo e a sociedade fossem, de fato, coisas que poderiam ser tomadas separadamente para sua compreensão (idéia amplamente discutida por Elias, 1982). A condição de agir (de ser um agente) com emotividade não seria, portanto, um 'recurso' ou

¹⁰ A perspectiva de teatralidade em Erving Goffman (os atores são apresentados na cena social [1971]) está intimamente relacionado com a idéia de jogar na obra de Pierre Bourdieu e Norbert Elias, sobreposição, incluindo o fato de que na língua inglesa, o jogo denota tanto o ato de atuar como o de tocar uma música.

¹¹ Simmel diz: "No entanto, a fonte subterrânea que alimenta as mobilidades deste reino [através do jogo da sociabilidade], não é para ser procurada nestas formas auto-determinantes, mas apenas na vivacidade de os indivíduos reais, em seus sentimentos e atrações, na abundância de seus impulsos e convicções" (Simmel, 2002, p.99).

'capacidade', que poderia se ter fora do tecido social, mas uma implicação de estar em sociedade e de ser, nela, um sujeito afetivo

Em segundo lugar, se vamos fazer uso da metáfora das regras, penso que é conveniente rejeitar, embora pareça óbvio, a assimilação das regras com o jogo. Se existem regras do sentimento, sua análise não representa - a respeito do sentimento que ocorreu em uma ou várias pessoas - mais do que poderia representar a análise das regras de algum esporte para conhecer o desenvolvimento de uma partida realmente jogada. O jogo continua - e eventualmente viola - as regras, embora seja um produto original e único pelo qual seus atores falam.

As regras e linguagens da emotividade compartilhadas desde a infância permitem desenvolver um senso de sentimento - seguindo a ideia de sentido de jogo de Pierre Bourdieu¹² - que permite ser, observar-se, expressar-se, impressionar os outros e comover-se de maneiras singulares e criativas ao colocar em jogo a subjetividade emocional. A investigação dessas subjetividades históricas, situadas e pessoais, pode suscitar uma investigação mais ampla do que a de suas regras, mesmo que se estendam com referência e em interação com elas.

Conclusões

Imaginar-nos como bebês e entre bebês convida-nos a sentir a arbitrariedade das fronteiras de muitos dos nossos esquemas sociais. Destaca as conexões intensas de nossos corpos com outros corpos; da chamada vida adulta e infância; da história e do pulsar dos nossos desejos e medos.

Enquanto os adultos às vezes aparecem nas ciências sociais como 'indivíduos' sem tempo (a idade é um atributo, não um processo) e sem espaço (supostamente globalizado), cada bebê reinscreve sua comunidade como um coletivo que muda e isso é feito em um aqui e agora (lembrando que é preciso uma aldeia para criar um filho).

¹² No que se refere à liberdade dos atores, diz Bourdieu: "Este sentido de jogo, como se diz em francês, é o que permite um número infinito de 'golpes' [para jogos de tênis] adaptados para o número infinito de possíveis situações que nenhuma regra, por mais complexa que seja, poderia ser prevista" (Bourdieu, 2000, p.22, livre tradução). A mesma margem de possibilidades poderia ser indicada entre linguagem emocional e experiência emocional.

Olhar fixamente para um bebê; levantá-lo; sentir seu calor; reagir ao seu choro, inunda a experiência de dimensões que a teoria e o conhecimento acadêmico do habitual relegam ou escondem.

Nesta linha, propõe-se não apenas descrever os bebês a partir de seus espaços tradicionalmente marginalizados (o privado, o feminino, o infantil), mas questionar essas clivagens como categorias corretas para a compreensão da realidade social como um todo.

Assim, outra pesquisa indicou que o doméstico não é necessariamente um lugar privado (Collin, 1993), o trabalho não é necessariamente algo estranho ao mundo da casa (Hochschild, 1997), e a infância não decorre como uma experiência necessariamente separada da idade adulta (Hagesta e Uhlenberg, 2005).

A pesquisa social parece ter mostrado suficientemente que certos dualismos prevalentes em grande parte das ciências sociais começam a desintegrar-se¹³. Desta forma, perguntas como por que não há mulheres em seu relato? Onde seus atores moram, dormem e comem? Como eles nascem? E quanto às suas emoções? Por que você só vê adultos em sua pesquisa? Talvez sejam questões que podemos perguntar cada vez mais sobre qualquer projeto ou resultado de pesquisa social que tentamos realizar ou que nos sejam apresentadas.

Não parece seguro dizer, nesse sentido, que os bebês facilitam pontes e motivações para compreender e integrar a presença, nem sempre traduzida das emoções, do doméstico, da interação, do gênero e da infância, como chaves analíticas relevantes para iniciar-se em uma melhor compreensão do mundo social em que vivemos.

Referências

AGUILAR, P. Domesticidad e intervención: el "hogar" en los debates de la cuestión social (1890-1940). *Debate Público*; 3 (6), 2013, pp. 43-58.

¹³ A partir de um momento na história dos modernos sistemas de educação nacional a questão relevante não era mais 'porque não há escolas para as mulheres?', Mas 'porque as escolas não são misturadas?' (Almeida, 2007). O 'hibridização' (como em Latour, 2007), ou 'mistura' (como em Hesse-Biber, 2012) parecem noções de interesse para superar os problemas de certas estruturas interpretativas e hierarquização dualista.

ALLEMANDI, C. *Sirvientes, criados y nodrizas. Una historia del servicio doméstico en la ciudad de Buenos Aires (fines del siglo XIX y principios del XX)*. Buenos Aires: Teseo, 2017

ALMEIDA, J. S. de. Co-educação ou classes mistas? Indícios para a historiografia escolar (São Paulo–1870-1930). *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, 86, 2007, pp. 213-214.

ÁLVAREZ, L. Engaño, política y performance en Gorgias y Aristófanes. *Ordía Prima*, 11/12, 2013, pp. 43-78.

ARIÈS, P. *El niño y la vida familiar en el antiguo régimen*. Madrid: Taurus, 1987.

ARIZA, M. La sociología de las emociones como plataforma de la investigación social en *Emociones, afectos y sociología. Diálogos desde la investigación social y la interdisciplina* editado por Ariza, Marina. México D.F.: UNAM, 2015.

BALTAR, M. I.. *Política demográfica e parlamento. Debates e Decisões sobre o Controle da Natalidade*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciencias Sociais do Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

BAUMAN, Z. *Vidas desperdiciadas. La modernidad y sus parias*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BERGER P. y Luckman, T. *La construcción social de la realidad*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001

BERICAT ALASTUEY, E. La sociología de la emoción y la emoción en la sociología. *Papers*, 62. 2000, pp. 145-176.

BLOCK, J. Studies in the phenomenology of emotions. *The Journal of Abnormal and Social Psychology* 54(3), 1957, pp. 358-363.

BONILHA, L. R. *Puericultura: olhares e discursos no tempo*. 93 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 2004.

BORDONI, M., Español, S. y De Grande, P. La incidencia del entonamiento afectivo y la imitación en el involucramiento visual-social temprano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34, 2016, pp. 487-503.

BOUDON, R. *La lógica de lo social. Introducción al análisis sociológico*. Madrid: Ediciones RIALP, 1981.

BOURDIEU, P. *Cosas dichas*. Barcelona: Gedisa, 2000.

BOURDIEU, P. *La distinción. Criterios y bases sociales del gusto*. Buenos Aires: Taurus, 2012.

- CÁRDENAS MEJÍA, L. *Retórica y emociones. La constitución de la experiencia humana del lugar*. Bogotá: Editorial Aula de Humanidades, 2015.
- CARRETERO, S. y Español, S. Multimodal Study of Adult-Infant Interaction: A Review of Its Origins and Its Current Status. *Paidéia*, 26 (65), 2016, p. 377-385.
- CAVALCANTE, M. Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê. *Revista dos Cursos de Pós-Graduação*, 1, 2000, p.157-168.
- COLLIN, F. Espacio doméstico. Espacio público. Vida privada. En Adriana Bisquert Santiago (comp.). *Urbanismo y mujer: nuevas visiones del espacio público y privado*. Malaga: Seminario Permanente Ciudad y Mujer, 1993, p.231-237.
- COSTA, T., Stotz, E., Grynszpan, D. y Souza, M. Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. *Interface (Botucatu)*, 10 (20), 2006, pp.363-380.
- DE GRANDE, P. Bebé a bordo. Aspectos problemáticos de maternidades y paternidades en sectores medios urbanos en la Argentina. *Infancias Imágenes*, 14 (1), 2015, pp. 7-22.
- DE GRANDE, P. Evolución del parto domiciliario en la Ciudad de Buenos Aires (2003-2013). *Revista del Hospital Materno Infantil Ramón Sardá*, 2, 2017, pp. 93-105.
- DE LOACHE, J. y Gottlieb, A. *A World of Babies*. Cambridge (EE. UU.): Cambridge University Press, 2000.
- DONATH, O. Regretting Motherhood: A Sociopolitical Analysis. *Signs*, 40 (2), 2015, pp. 343-367.
- DURKHEIM, E. *Las formas elementales de la vida religiosa*. Madrid: Alianza editorial, 1993.
- DURKHEIM, E. *El suicidio*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2006.
- ELIAS, N. *Sociología fundamental*. Barcelona: Gedisa, 1982.
- ELIAS, N. *El proceso de la civilización*. México: Fondo de cultura económica, 1989.
- ELIAS, N. *La sociedad de los individuos*. Barcelona: Península, 1990.
- FLORES ÁNGELES, R. y Tena Guerrero, O. Maternalismo y discursos feministas latinoamericanos sobre el trabajo de cuidados: un tejido en tensión *Iconos. Revista de Ciencias Sociales*, 50, 2014, pp. 27-42.
- FOUCAULT, M. *Vigilar y castigar*. México: Siglo XXI, 1995.

- FULLER, N. Maternidad e identidad femenina: relato de sus desencuentros. En Donas, S. (comp.) *Adolescencia y juventud en America Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001, pp. 225-242.
- GILLIGAN, C. *In a Different Voice*. Cambridge (EE. UU.): Harvard University Press, 1982.
- GOFFMAN, E. *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo contemporáneo, 1970.
- GOFFMAN, E. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1971.
- GOFFMAN, E. *En Estigma. La identidad deteriorada*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006.
- GOTTLIEB, A. Where have all the babies gone? Toward an anthropology of infants (and their caretakers). *Anthropological Quarterly*, 73(3), 2000, pp.121-132.
- HAGESTAD, G. y Uhlenberg, P. The Social Separation of Old and Young: A Root of Ageism. *Journal of Social Issues*, 61(2), 2005, pp. 343-360.
- HESSE-BIBER, S. Feminist Approaches to Triangulation: Uncovering Subjugated Knowledge and Fostering Social Change in Mixed Methods Research. *Journal of Mixed Methods Research*, 20(10), 2012, pp. 1-10.
- HOCHSCHILD, A. The sociology of feeling and emotion: Selected possibilities. *Sociological Inquiry*, 45(2-3), 1975, pp. 280-307.
- HOCHSCHILD, A. Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. *American Journal of Sociology*, 85 (3), 1979, pp. 551-575
- HOCHSCHILD, A. *The time bind: When work becomes home and home becomes work*. Nueva York: Metropolitan Books, 1997.
- HOCHSCHILD, A. y Machung, A. *The Second Shift*. Nueva York: Penguin., 1989
- LABANYI, Jo. Doing things: Emotion, Affect, and Materiality *Journal of Spanish Cultural Studies*, 11(3-4), 2010, pp. 223-233.
- LATOUR, B. *Nunca fuimos modernos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 200.
- Le Breton, D. *Las pasiones ordinarias. Antropología de las emociones*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.
- LIERNUR, J. La formación de la casa moderna en la Argentina a través de manuales y artículos sobre economía doméstica (1870-1930). *Semanario de crítica*, 53, 1994.
- LIMA, A. O normal e o patológico na relação mãe-bebê: um estudo a partir de manuais de puericultura publicados no Brasil (1919-2009). *Estilos Da Clínica. Revista Sobre a Infância Com Problemas*, 17(2), 2012, 324-343.

LOREDO NARCIANDI, J. y Jiménez Alonso, B. Pequeños ciudadanos: la construcción de la subjetividad infantil en la primera puericultura española e hispanoamericana. *Universitas Psychologica*, 13(5), 2014, pp. 1955-1965.

LUNA ZAMORA, R.. Introducción a la Sociología de las Emociones. *Revista Universidad de Guadalajara*, 18, 2000.

LUTZ, C. y White, G. The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, 15, 1986.

MAFFÍA, D. Epistemología feminista: La subversión semiótica de las mujeres en la ciencia. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, 12 (28), 2007, pp. 63-98.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciencias. *Estudos Feministas*, 16 (2), 2008, pp. 333-357.

MCCARTHY, E. Emotions are social things: an essay in the sociology of emotions. En Franks, D. y McCarthy, E. (eds.) *The Sociology of Emotions: Original Essays and Research Papers*. Greenwich, EE.UU.: JAI Press, 1989.

NAGAHAMA, E. y Santiago, S. A institucionalização médica do parto no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 3, 2005, pp.651-657

NARI, M. *Políticas de la maternidad y maternalismo político: Buenos Aires (1890-1940)*. Buenos Aires: Biblos, 2004.

OROZCO, A. *Perspectivas feministas en torno a la economía: el caso de los cuidados*. Madrid: Consejo Económico y Social, 2006.

PEREIRA, J. História da pediatria no Brasil de final dos século XIX a meadosdo século XX. Tese apresentada ao Programa de PósGraduação do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito à obtenção do título de Doutora em História, 2006.

POWELL, C. y Dépelteau, F. (eds.). *Conceptualizing Relational Sociology*. Nueva York: Palgrave Macmillan, 2013.

PRINZ, J. Which emotions are basic? *Emotion, evolution, and rationality*, 69, 2004, pp.88-106.

RADKAU, V. Hacia una historiografía de la mujer. *Nueva Antropología*, 8 (30), 1986, pp. 77-94.

ROSEMBERG, F. Crianças pobres e famílias em risco: as armadilhas de um discurso. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 4(1), 1994.

SACRAMENTO, I.. A midiatização da retórica. *Fronteiras*, 11 (2), 2009, p. 89-102.

SANTOS ALVES, A. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. *Trabalho, Educação e Saúde*, 11 (2), 2013, pp. 271-298.

SCHNACK, C. Baby talk: uma fala de adulto direcionada à criança. Que criança? Que adulto? *Calidoscópio*, 5 (2), 2007, p. 115-124.

SCRIBANO, A. Sociología de los cuerpos/emociones. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, 10, 2012, pp. 93-113.

SHEETS-JOHNSTONE, M. *The Roots of Thinking*. Philadelphia, Penn: Temple University Press, 1990.

SHILLING, C. *The Body and Social Theory*. Londres: Sage, 2003.

SIMMEL, G. La sociabilidad. En Simmel, G., *Cuestiones fundamentales de sociología*. Barcelona: Gedisa. 2002, pp. 77-102

SIMMEL, G. La metrópolis y la vida mental. *Bifurcaciones: revista de estudios culturales urbanos*, 4, 2005.

TENOUTEN, W. *A general theory of emotions and social life*. Nueva York: Routledge, 2006

THOITS, P. The Sociology of Emotions. *Annual Review of Sociology*, 15, 1989, pp. 317-342.

TICINETO CLOUGH, P. y Halley, J. *The affective turn*. Durham (Estados Unidos): Durham University Press, 2007.

TURMEL, A. *A Historical Sociology of Childhood*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

VAINFAS, R. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 4(1), 1996, pp. 9-27.

WEBER, M.. *Sociología de la religión*. Buenos Aires: La pléyade, 1978.

WEBER, M.. *La ética protestante y el espíritu del capitalismo*. Barcelona: Península., 1997

ZELIZER, V. *Pricing the priceless child: The changing social value of children*. Princeton University Press, 1994.

ZELIZER, V. A economia do care. *Civitas. Revista de Ciências Sociais*, 10 (3), pp. 375-391, 2010.

ZOILA, S. Los niños en la historia. Los enfoques historiográficos de la infancia. *Takwá*, 11-12, 2007 pp. 31-50.